



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**A ESCRITA EM CAROLINA MARIA DE JESUS: UM PASSEIO PELAS PÁGINAS
DE SUA TRILOGIA EXISTENCIAL**

MÔNICA DOS SANTOS SILVA

Rio de Janeiro
2023

MÔNICA DOS SANTOS SILVA

A ESCRITA EM CAROLINA MARIA DE JESUS: UM PASSEIO PELAS PÁGINAS DE
SUA TRILOGIA EXISTENCIAL

Monografia submetida à Faculdade
de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro, como requisito
parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português-Literaturas.

Orientador: Professor Doutor Carlos Pires

Rio de Janeiro
2023

CIP - Catalogação na Publicação

S237e Santos Silva, Mônica dos
A escrita em Carolina Maria de Jesus: um passeio
pelas páginas de sua trilogia existencial / Mônica
dos Santos Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.
52 f.

Orientador: Carlos Eduardo de Barros Moreira
Pires.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Carolina Maria de Jesus. 2. Literatura
Brasileira. 3. Diário. 4. Autobiografia. I. Pires,
Carlos Eduardo de Barros Moreira, orient. II. Título.

RESUMO

Esta monografia objetiva considerar a escrita em Carolina Maria de Jesus, tomando como matriz sua trilogia existencial: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (1985). Em tal passeio científico-literário, buscou-se ponderar sobre como cada uma das obras visitadas trabalha em prol da revelação — mais ou menos evidente — do estabelecimento da escritora em seu ideal. Sob essa perspectiva, assume-se a premissa de que há, nas fontes selecionadas, vestígios recuperáveis das maneiras, dos procedimentos, dos recursos e de outros elementos relevantes que envolveram — por vezes avivando, em outras vezes desbotando — a produção textual da autora sacramentana. Partindo da materialidade dos três diários, entre muitas questões e algumas conclusões, este estudo intenciona somar-se àqueles que, até então, ampliaram as formas de leitura da literata e do seu legado. Para além, pretende-se contribuir com a ratificação do interesse para com os textos carolinianos — ou seja, não apenas dos títulos aqui analisados —, bem como reivindicar a normalização da literatura brasileira preta e marginal em espaços acadêmicos e de formação humana desde suas bases.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Literatura Brasileira; Diário; Autobiografia.

ABSTRACT

This monograph aims to consider the writing in Carolina Maria de Jesus, taking her existential trilogy as a matrix: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (1985). In this scientific-literary tour, we sought to ponder how each of the works visited works towards the revelation — more or less evident — of the writer's establishment in her ideal. From this perspective, it is assumed that there are, in the selected sources, recoverable vestiges of the ways, procedures, resources and other relevant elements that involved — sometimes enlivening, sometimes fading — the textual production of the sacramentan author. Starting from the materiality of the three diaries, among many questions and some conclusions, this study intends to add to those that, until then, expanded the ways of reading the literary woman and her legacy. In addition, it is intended to contribute to the ratification of interest in the Carolinian texts — that is, not just the titles analyzed here —, as well as to claim the normalization of black and marginal Brazilian literature in academic spaces and human formation from its bases.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; Brazilian Literature; Diary; Autobiography.

O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos.
(Edward Said)

Dedicada a

Aqueles que acompanharam os mistérios que
me fizeram desembocar aqui, são muitos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires,

que conheci na aposta de cursar a disciplina optativa Encontros de Literatura e Cultura — sem dúvidas, um “palpite acadêmico” bem sucedido. Nessa ocasião, por meio de sua extraordinária abertura às possibilidades, entendi que eu poderia chegar aos fins que me trazem aqui na companhia de Carolina Maria de Jesus. Desse intervalo de trabalho conjunto, destaco os retornos sempre céleres, educados e motivadores. Outro ponto alto que faço questão de reconhecer reside na liberdade e na confiança generosamente dispensados ao meu estilo e à minha metodologia de escrita.

Ao meu esposo e companheiro de tantos projetos, Jefferson,

por acreditar no meu sucesso antes de qualquer conquista efetiva e por valorizar meus esforços, oferecendo apoio integral e incondicional.

Aos meus pais, Elza e Damião, e ao meu irmão, Bruno,

por terem priorizado a minha educação escolar desde suas bases, com as escolhas — isto é, com os sacrifícios — que sabemos necessários às famílias da classe trabalhadora.

Aos amigos

que foram companhia saudável, sorriso preciso e indispensável descanso no caminho.

Aos docentes e aos demais educadores da Educação Básica Pública

que atuaram nas instituições em que vivenciei cada etapa dos processos de letramento.

Aos professores e às professoras da UFRJ

dos diversos departamentos da Faculdade de Letras com que tive contato, bem como aos professores da Faculdade de Educação, que — com a diversidade de seus saberes e interesses político-pedagógicos — colaboraram com a minha formação de modo comprometido valendo-se de dialéticas honestas, sérias e críticas. Ressalto ainda a participação de **Diego dos Santos Reis**, **Nazir Ahmed Can** e **Vanessa Teixeira** como professores que me descerraram patrimônios de paradigmas outros, de epistemes periférico-suleares e deseurocentradas, inaugurando movimentos de alforria intelectual.

A cada colega da graduação

que tenha dividido espaços e experiências comigo. Não esquecerei de nossa coletividade, que desejo sempre mais engajada, heterogênea e cooperativa. Neste fim, eu não poderia deixar de me direcionar a duas parceiras: **Anna Carolina Lopes da Silveira** e **Manoela Mickosz Villa Verde**. Obrigada pela solidariedade certa em trabalhos, estudos e atividades de extensão, também pelas discussões teóricas (sem público ou banca), pelas conversas leves e por tudo que compartilhamos.

SUMÁRIO

O COMEÇO DE ALGUMA COISA.....	10
1. QUEM É BITITA?.....	12
2. LITERATURA OU O QUÊ?.....	16
3. A TRILOGIA EXISTENCIAL.....	18
O primeiro diário.....	19
O segundo diário.....	21
O terceiro diário.....	24
4. CONTORNOS DA ESCRITA EM CAROLINA.....	30
O ideal caroliniano.....	31
A leitora.....	33
A escritora.....	36
5. ENTORNOS DA ESCRITA EM CAROLINA.....	40
Os lugares e o tempo.....	41
O desejo da solidão e a busca pelo silêncio.....	44
A CONTINUIDADE DE QUALQUER COISA.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

O COMEÇO DE *ALGUMA COISA*

*E depois, um homem não há de gostar de uma mulher
que não pode passar sem ler. E que levanta para
escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do
travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o
meu ideal*
(Carolina Maria de Jesus¹).

Escarafunchando a segunda publicação em diário de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), topei com a seguinte passagem: “Nas ruas o povo dava-me os parabéns. Quando passo perto de um ônibus ouço: — Olha *a mulher que escreve!*” (JESUS, 1961, p. 23, grifo nosso). Não duvido que a força da recorrência e a alegria do reconhecimento tenham levado a autora sacramentana a registrar essa sentença e suas variantes nas páginas de seus cadernos. Porém, o nome e os predicados da nova celebridade literária — que não saiam das livrarias, dos jornais, das rádios, dos programas televisivos, da boca do povo, dos palcos culturais e dos acadêmicos —, pouco a pouco, foram caindo no esquecimento.

O encontro com essa expressão — que tomarei como epíteto: a mulher que escreve — aguçou e deu mais impulso a uma demanda que tem me acompanhado e que pretendo visitar no desenvolvimento desta monografia. De modo desprezioso, intenciono evidenciar aspectos da escrita de e em Carolina Maria de Jesus presentes em suas mais conhecidas — talvez, por isso, principais — obras: *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961) e *Diário de Bitita* (1985). Partindo de trechos selecionados destes três diários, teceremos comentários, observações, interrogações e conclusões que nos ajudem a esboçar contornos e entornos na letra daquela que, com engenho, consumou uma convicção existencial.

A escrita de Carolina, no entanto, não se limita aos três livros citados. Ela se dedicou à criação literária de modo amplo e produziu textos em variados gêneros: poema, canção, fábula, autoficção, carta, provérbio, romance, conto, crônica, drama e textos híbridos (cf. D'ANGELO, 2018, n.p). Por múltiplas intempéries, volumosa parte de seus manuscritos — que somam mais de cinco mil páginas — não chegaram aos olhos do público. Por isso, no espraiamento de seus perímetros, esta pesquisa tem como propósito suscitar o interesse pelos textos não publicados ou, simplesmente, menos conhecidos da autora.

¹ JESUS, 1963, p. 44.

Por uma definição de recorte, nos restringimos à análise dos livros já mencionados. Caminho esperado e pouco — ou nada — inovador? Pode ser. Contudo, entende-se que seja incontornável ao objetivo desta conhecer e lidar com temas, recortes e traços carolinianos desde suas bases conhecidas e disponíveis.

Dentre muitos posicionamentos questionáveis, Audálio Dantas (1961) levanta uma tese interessante ao reconhecer que

considerações de repórter podem dar apenas uma pálida idéia do sentido dêste livro. Um estudo com base científica poderá revelar aspectos de grande interesse da revolução que começou no **quarto de despejo** e tem prosseguimento na **casa de alvenaria** (DANTAS, 1961, p. 9, grifo do autor).

Essas palavras recuperadas do prefácio de *Casa de Alvenaria* (1961) abrem brechas para a revolução que significa a expressão caroliniana em seu todo e para o encorajamento da expansão dos estudos científico-literários que se voltam para suas realizações.

Antes de partir para o desenvolvimento de fato, destaco que, ao longo desta monografia, encontraremos transcrições fiéis às edições consultadas, ou seja, sem qualquer tipo de tratamento gramatical que corresponda às convenções vigentes. Por meio delas, buscaremos vestígios emblemáticos da composição e da compositora com todo esforço possível (consciente) para não *tirar* deles algo que se queira — manipular e objetificar em vista de um fim —; mas *dar* relevo àquilo que possa existir no pacto com o tópico visitado. Em suma — e não apenas —, intenciona-se deixar que Carolina ressoe, incomode e provoque em seu melhor estilo.

1. QUEM É BITITA?

*A minha história pode ser resumida assim:
— Era uma vez uma preta que morava no inferno. Saiu
do inferno e foi para o céu
(Carolina Maria de Jesus²).*

De início, confirmo aquilo que nossa epígrafe pode dar a entender: não pretendo fazer longo ou breve resumo de passagens da vida de Carolina Maria de Jesus. Muitos dos atributos que costuraram, rasgaram e remendaram sua fisionomia e suas proezas são conhecidos. De modo genérico? Sim. Ainda assim, vale reconhecer que muitos deles já foram mais celebrados do que boa parte de seu arrolamento textual — principalmente quando excluimos *Quarto de Despejo* desse inventário.

Para precisar detalhes dos passos de Carolina neste mundo, dispomos das recomendadas publicações de Meihy (1994), de Farias (2017), dos conteúdos do portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus e de outros esforços bem sucedidos que cobrem com excelência a necessidade memorial. Sim, sei que — recorrendo a elas e pela autoridade da boa vontade — eu poderia apresentá-la pela via das formalidades e das prescrições acadêmicas. No entanto, prefiro empenhar-me para que — entre as pinçadas da minha seleção e os ruídos das minhas considerações — Bitita se anuncie com sua escrita, com seu pensamento e voz.

Em síntese, posso dizer que convido o leitor deste trabalho a observar o texto caroliniano como um equivalente de sua presença. Ainda que eu não possa aprofundar tal percepção neste lance, afirmo: a dicção, a unidade e as contradições de seu projeto de dizer expõem e distinguem sua personalidade autoral para além do gênero diário. Por fim, dado que não convém deixar a pergunta-título deste capítulo em completo suspenso, coloco em prática o que pretendo:

Num segundo comecei a lembrar a trajetória da minha vida. Empregada doméstica, lavradoura, catadora de papel e agora escritora admirada. E beijada pelo vice-governador! Comecei a pensar num sambinha incluindo uma cena com o senhor Porfírio da Paz (JESUS, 1961, p. 119).

Em uma ótica sucinta e encadeada pelo ofício, vemos a trajetória da aclamada escritora da favela que — entre as glórias e as controvérsias dos anos 60 — figurava no rol dos autores mais requisitados no Brasil e em outros países. Dentro dessa conjuntura inédita,

² JESUS, 1961, p. 171.

ela acompanhava atentamente a recepção de seu empreendimento pela celeridade das mídias: “Comprei jornal para ver a classificação do meu livro. Está no primeiro lugar” (JESUS, 1961, p. 63). Por cerca de um ano, ele se manteve no topo da lista dos livros mais vendidos no Brasil até que — no tempo definido pelo mercado — o *fenômeno Quarto de Despejo* findou-se e, com ele, as luzes dos holofotes posicionados sobre a autora.

A segunda publicação assinada por Carolina — *Casa de alvenaria* (1961) — não despertou semelhante interesse e, conseqüentemente, não recebeu o espaço midiático cedido à publicação anterior. Um LP homônimo do seu consolidado *best seller* com 12 canções autorais gravado em 1961 não repercutiu. Passados dois anos, ela levou ao público mais dois livros: *Provérbios* (1963) — em tiragem independente — e o romance *Pedaços de fome* (1963). Fato é que, depois de *Quarto de Despejo*, todas as suas tentativas terminaram diminuídas e abafadas.

Dentro desse quadro em nada animador, a multiartista ainda começou a escrever *Um Brasil para os brasileiros*, livro que ela nunca viu editado. Talvez para saborear o cumprimento da predição proferida pelo oráculo Eurípedes Barsanulfo³, aquela que chegou à fama por meio da escrita em prosa nutria — e não escondia — o desejo de ver seus poemas publicados (cf. LAJOLO, 1996, p. 38):

Sonhei que estava morta
Vi um corpo no caixão
Em vez de flores eram livros
Que estavam nas minhas mãos
Sonhei que estava estendida
No cimo de uma mesa
Vi o meu corpo sem vida
Entre quatro velas acesas

Ao lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração
Ao bom Deus ele implorava
Para dar-me a salvação
Suplicava ao Pai Eterno
Para amenizar o meu sofrimento
Não me enviar para o inferno
Que deve ser um tormento

Ele deu-me a extrema-unção
Quanta ternura notei
Quando foi fechar o caixão
Eu sorri... e despertei (JESUS, 1996, p. 174).

³ “Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa” (JESUS, 1968, p. 71).

A profecia que não se concretizou aos olhos da *poetisa de Sacramento* não deixou de se cumprir — com o devido atraso — no tempo literário. Nessa dimensão, *Antologia pessoal* (1996) se torna uma verdadeira materialização do remoto prenúncio e exemplo de resgate do anelo caroliniano: “A antologia que ela própria preparou é um beijo de um passado brasileiro que nunca passou” (MEIHY, 1996, p. 33). O labor, o beijo e o palpitar de Carolina frutificaram (e frutificam) postumamente.

Dos cadernos que continham o projeto de *Um Brasil para os brasileiros*, materializou-se uma edição francesa intitulada *Journal de Bitita* (1982), posteriormente traduzida para o português como *Diário de Bitita* (1986). Como resultado do retorno aos manuscritos da autora, também nos chegaram: *Meu estranho diário* (1996) e *Onde estaes felicidade?* (2014). Em outra etapa desse trânsito, Vera Eunice de Jesus e Conceição Evaristo coordenaram um conselho editorial — que contou com a contribuição de Raffaella Fernandez e de outras pesquisadoras⁴ — e nasceram dois volumes, com conteúdo nunca visto em publicações, de *Casa de Alvenaria*⁵ (2021).

Ainda pelas afluências hodiernas, físgamos elementos sintomáticos de uma crescente dinâmica de reposicionamento da fortuna caroliniana. Dia após dia, a estética caroliniana toma terreno — de modo palpável e substancial — em monumentos e em homenagens várias. Em 2021, o Instituto Moreira Salles (IMS) organizou em sua sede paulistana a exposição *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*⁶. Ao final de 2022, inclusive, um recorte da mesma exposição⁷ inaugurou a primeira ocupação artística gratuita do Museu de Arte do Rio (MAR), que foi realizada na Arena Carioca Fernando Torres (Parque Madureira), seguindo, posteriormente, para novas estações culturais.

Paulatinamente, expressões inspiradas em Carolina como intérprete do Brasil e demonstrações de desobstrução a sua compleição artística se propagam. Nesse decurso, ela não deixou de ser cantada com apoteose em uma das maiores festas populares do Brasil. Entre os enredos carnavalescos dos últimos anos que prestaram láureo à Bitita destacamos: (i) “O papel e o mar” (2017), do Grêmio Recreativo Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá; “Carolina — A Cinderela Negra do Canindé” (2022), do Grêmio Recreativo Escola de Samba Colorado do Brás; e (iii) “Empretecendo o Pensamento É Ouvir a Voz da Beija-Flor” (2022), do

⁴ Amanda Crispim, Fernanda Felisberto e Fernanda Miranda.

⁵ A saber: *Casa de Alvenaria - Volume 1: Osasco* (2021) e *Casa de Alvenaria - Volume 2: Santana* (2021).

⁶ Exposição aberta ao público de 25/09/2021 a 03/04/2022.

⁷ *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros — Ocupação MAR*: de 15/10/2022 a 15/12/2022.

Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis. Veja que, também por essa feição nacional festiva, criativa, transgressora e política, seu horizonte perdura, se dá a conhecer, retorna e se atualiza.

Comumente, a estirpe dos literatos se autoriza o atravessamento de linguagens. Essa ocorrência não é rara. Monumentais misturam-se entre os que passam e param nos espaços coletivos da *pólis*. À beira d'água, sob a quentura do sol ou à sombra das árvores do Rio de Janeiro, de Recife, Fortaleza e Salvador, lá estão: Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Zélia Gattai e cia. Até Carolina Maria de Jesus, há pouco menos de um ano, ganhou uma estátua em Parelheiros, distrito localizado na Zona Sul de São Paulo em que passou parte de sua vida.

Um fato curioso relacionado a essa ação da Prefeitura de São Paulo que ajuda a entender quem foi Bitita — e quem ela é hoje — se atrela a uma polêmica sobre a definição do local de colocação. Inicialmente, foi reservado um parque linear não apenas *escondido*; mas *muito escondido*: vazio. Vera Eunice e moradores da região desaprovaram a escolha, se organizaram e requisitaram uma locação mais central, menos apartada. Acolhendo a reprovação, a gestão municipal fez nova licitação e instalou a escultura na Praça Júlio César de Campos.

Afinal de contas, o que queremos acentuar com a descrição dessa situação? Basicamente, o seguinte: mesmo em uma efígie, Carolina continua caprichosa e tihosa, em marcha diligente — e não unicamente por si. Assim sendo, antes de terminar este capítulo de “apresentações”, podemos nos perguntar: o que teria sido de Bitita sem sua teimosia, o que seria de nós? Nesse arremate, uma reflexão de Meihy (1996) parece cair bem:

Aveso de uma versão da História brasileira que sempre se exibiu radicalmente democrata, cordialmente tecida em incruentas tramas, Carolina Maria de Jesus foi voz desafinada na ladainha de nossas trajetórias oficializadas. Seu enredo de vida pessoal e pública foi, até certo ponto, testemunha surda, suja e sem nexos na lógica de uma cultura que diz buscar justiça social, direitos humanos e igualdade feminina (MEIHY, 1996, p. 07).

Carolina Maria de Jesus: mulher, brasileira, preta, pobre, leitora, peregrina, migrante, favelada, catadora, escritora, compositora, poetisa, inconstante, inquieta, livre e imortal em seu ideal.

2. LITERATURA OU O QUÊ?

Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com este tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade porque eu pensava que o reporter não ia publicar.
(Carolina Maria de Jesus⁸).

Não poucas vezes, as prescrições da *boa escrita* e da *boa literatura* escamoteiam contínuas exclusões que se aliam a uma (única) narrativa que se pretende iniciadora, modelar e conclusiva. Em uma palavra: *universal*. Termo que — cá entre nós — evoca mais janelas semânticas de separação do que unidade.

Carolina de Jesus tinha por objetivo *perfeições literárias*? Não tenho matéria suficiente para responder tal indagação, tenho o suficiente para não negar o intento de um *dizer literário*. Ademais, a *perfeição literária* não se apresentou em todas as suas nuances e complexidades — com suas prescrições, métodos, contextos e adequações — à menina que cursou apenas os dois anos iniciais do primário no Colégio Allan Kardec. O movimento foi oposto, anos depois, a jovem do Alto Paranaíba se apresentou à Literatura, foi às editoras e às redações de jornais e revistas paulistas e cariocas entendendo que, com elas, poderia fazer-se autora.

Na cultura de resistência, cabe a não cisão entre luta e literatura. Não por acidente, a fruição e os feitos do indivíduo periférico — também por constituições histórico-sociais — tem um tom de *revide*. Não que contenham em si ameaças ou atos de vingança. Nada disso. A questão é outra, por exemplo: a escrita simplesmente por ser escrita, por ser literatura, por ser atuação em âmbito social se faz *uma espécie de vingança*. A fim de acessar essa noção de desforra cultural, trago um trecho de uma entrevista de Conceição Evaristo (2017) cedida à *TV Revista CULT*:

A escrita também pode ser *uma espécie de vingança*. Em outros momentos, a escrita, pra mim, ela se constitui — talvez até agora — como uma espécie de vingança, na medida em que minha história pessoal, na medida que a história da minha coletividade, é marcada por interdição. A escrita me liberta, ela me coloca em espaço em que normalmente eu não estaria (EVARISTO, 2017, 1:01-1:32, grifo nosso).

Quarto de Despejo, Casa de Alvenaria e Diário de Bitita: literatura ou vingança? Podemos responder com uma (in)conclusão daquela que os criou? “... O que eu sei dizer é que

⁸ JESUS, 1961, p. 30.

o meu livro está causando confusão” (JESUS, 1961, p. 43). Até os presentes dias, literatos e críticos discutem se, em algum nível, o que Carolina fez chegou a ser Literatura com *l* maiúsculo — ou com qualquer tipo de envergadura.

Um turco ia contente
 Levando um cesto na mão
 Quando surgiu na sua frente
 O famoso Lampião.

O turco logo parou!
 E começou a gaguejar
 Lampião lhe perguntou:
 Tens um fumo para me dar?

O turco mudou de cor
 E começou a chorar.
 Eu não fumo não senhor.
 Mas querendo eu posso fumar (JESUS, 1996, p. 155).

Assim como o estrangeiro — por algum motivo representado pelo turco — titubeou diante da simplicidade rude do homem da terra, os protegidos paradigmas do *bom*, do *belo* e do *verdadeiro* incorporados pela Literatura (com *L*) não param, gaguejam, mudam de cor, choram e, de uma forma ou de outra, cedem em face da obra caroliniana? Com o poema “O turco e o lampião”, entendemos que existem casos em que — ainda que a recíproca não seja verdadeira — sempre há uma dose de bom senso que, quando utilizada, equilibra as relações.

3. A TRILOGIA EXISTENCIAL CAROLINIANA

*A desventura me perseguia
Ou o meu destino era fatal
Eu deixei ela um dia
E a minha terra natal
Todos nós temos saudades
De um lindo trecho de vida
Ou de uma velha amizade
Ou de uma aventura perdida
(Carolina Maria de Jesus⁹).*

No título dos livros que formam a trilogia de nossos estudos, não por acaso, identificamos insígnias da intimidade: *o quarto, a casa e o diário*. Os escritos da autora sacramentana nos transportam para um particular que nos projeta para um contínuo fluxo dentro-fora. Nas páginas dos relatos de Carolina de Jesus, não encontramos apenas as peculiaridades de uma mulher e de sua miséria; mas também a visão de um montante bem mais abrangente e instigante.

As cenas — simplesmente sensacionalistas para alguns, duramente comuns para tantos — resgatadas do *quarto*, da *casa* e do *diário* perturbam enquanto elaboram conteúdos e argumentação que extrapolam os limites do dito. À vista disso, como cada um desses lugares (textuais) — postos em tom conceitual — se fazem requeridos entre nossos objetivos investigativos? Não fugiremos dessa interrogação, pois seus desenlaces, de fato, nos interessam. Todavia, antes de seguirmos a alguma resposta que pareça acertada, damos um jeito para trás e desembolsamos um parecer em leve desenquadro.

Quando isolamos o termo *quarto*, podemos chegar à visão do local destinado ao descanso e ao recolhimento individual ou compartilhado: a parte de um todo destinada ao restabelecimento. Já a noção de *casa*, comumente, relaciona-se com a ideia de um espaço de privacidade compartilhado. Entre suas tantas extensões (sociais) de sentido, podemos acomodar as imagens de: lar, família, pátria — ou mesmo, o mundo em que habitamos. O *diário*, por sua vez, evoca uma dimensão indiscutivelmente *do dentro*: abre-se um espaço interior com suas ordens e desordens, sem paredes e observadores externos.

No entanto, tudo muda — ou se desdobra — com as construções sintagmáticas concebidas por Carolina: o quarto é de despejo e a casa, de alvenaria. A certa altura de sua ventura, o barraco na favela paulistana era a concretude e a residência, em uma edificação de tijolos na *sala de visitas*, uma ambição distante. Mais à frente, veremos como ambos tiveram

⁹ JESUS, 1996, p. 82.

ação conformativa em diferentes detalhes de seu processo de escrita e de sua instalação no corpo socioliterário.

Em nosso exame, ainda precisamos levar em conta que a expressão que dá título ao terceiro diário — *Diário de Bitita* — não foi uma concepção de sua autora. Originalmente, seria outro, teríamos: *Um Brasil para os brasileiros*. Desse modo, a série intimista: *quarto-casa-diário*, seria substituída pela progressão: *quarto-casa-Brasil*. Esta última, aliás, como alusão a um movimento bem mais caroliniano: a saída em expansão.

Pois bem, de modo objetivo, como a trilogia existencial caroliniana se mostra relevante para apontar aspectos de sua constituição enquanto escritora? Perceberemos. Entre as várias contendas que bordaram o histórico de Carolina de Jesus, aqui, nos interessam: (i) a materialidade textual de seus três diários; e (ii) a identificação de vestígios que nos auxiliem no levantamento de hipóteses e de leituras pertinentes a nossa questão.

O primeiro diário

*Tem pessoas que quando estão nervosas xingam ou
pensam na morte como solução.
Eu escrevia no meu diário.
(Carolina Maria de Jesus¹⁰).*

O empreendimento editorial que inaugura a trilogia caroliniana nos introduz no cotidiano de uma narradora de um mundo em andamento e em transformação. Por não se poder conter a força da insistência, o enfoque de uma subjetividade coletiva marginal encontrou brecha, pode cativar e conduzir a massa de um corpo social à recepção e à reverberação do testemunho de uma autora-protagonista incongruente, discrepante e assustadoramente real.

Aqueci água para tomar banho. Vou na Livraria levar um pouco de terra para por na vitrina. Estava chovendo, fomos de onibus e quando chegamos na livraria vi o meu retrato na porta. Estou desenhada em ponto grande. E a favela. O que está escrito no quadro:

*Esta favelada, Carolina Maria de Jesus, escreveu um livro —
QUARTO DE DESPEJO — A Livraria Francisco Alves oferece ao povo (JESUS,
1961, p. 34-35, grifo do autor).*

¹⁰ JESUS, 1963, p. 22.

No atropelo dos acontecimentos, o leitor da década de 60 — sem poder voltar atrás — distinguiu e assentiu a moradora da Favela do Canindé e sua prosa biográfica em suas vitrines midiáticas e comerciais.

O relato em diário que começa em 1955, no dia 15 de julho, e termina em 01 de janeiro de 1960 vem ao público em 19 de agosto do mesmo ano. É inegável que esse lançamento meteórico provocou uma reviravolta na vida de sua autora e circunscreveu novos horizontes para os campos de estudo que possam tê-los como matéria. Atravessando fronteiras linguístico-culturais com vigor, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* engendrou arranjos e desarranjos que, há décadas, rendem produtos políticos e acadêmicos.

Com o passar do tempo — pela praticidade de um simples costume? —, o texto que rotula a obra foi reduzido e, assim, seu *prenome* passou a ser o suficiente para identificá-lo. Conservamos apenas a expressão capital à metáfora caroliniana: “a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo” (JESUS, 1961, p. 17). No entanto, a parte economicamente engolida — *diário de uma favelada* — não deixou de orientar interesses de aquisição e de leitura na época de estreia e em outras. Nas prateleiras das livrarias, a especificação certamente cultivou curiosidades, sendo, assim, elemento valioso ao processo de projeção e de consolidação da publicação.

Não há engano, os desassossegos que atingem as minorias: a insegurança alimentar, a escassez de recursos, o conflito entre pares, a violência que vem de fora e as demais consequências do descaso governamental são tópicos recorrentes. Recordando os morosos dias na favela, Carolina não hesita em listar: “fome, briga, Radio-Patrolha” (JESUS, 1961, p. 82). A pobreza miserável caracterizada pelas moradias precárias, pela infraestrutura urbana deficitária e pelo desencaixe no mercado de trabalho formal reivindica reparo, quase desbancando outras leituras da superfície textual.

Nossa perspectiva não desconsidera esse material temático; mas se atenta à forma como ele integra *a saga da escrita caroliniana* — entendendo que esta se coloca como forte concorrente de tônica. O trabalho literário ocupa espaço central, aparecendo como motivo existencial rotineiro, o ato da escrita não se faz mero coadjuvante em meio ao perecimento corporal, mental e emocional. Ele rivaliza com os termos sociais, com os culturais, com os históricos e com os epistêmicos impostos e faz de Carolina Maria de Jesus uma das precursoras da literatura marginal no Brasil.

Aos que questionam a grandeza literária ou o valor textual de *Quarto de Despejo*, há o consolo da autocrítica daquela que o escreveu. No auge da colheita dos louros do primeiro diário, a autora mineira declarou e registrou em seu caderno de criação o seguinte: “Conversei com o senhor Otavio. Disse-lhe que vou mudar da favela neste mês e que não gosto do *diário*. Eu não sei o que é que eles acham no meu *diário*. Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados” (JESUS, 1961, p. 28, grifo da autora). Como devem suspeitar, dessa vez, eu não posso concordar. Coloco-me entre os que recuperam no livro em questão — e em outros de sua lavra — importâncias várias.

O segundo diário

Eu não tenho dinheiro para investimentos. A única coisa que eu quero é comprar uma casinha. Eu sei negociar, mas não quero porque o meu ramo são os livros
(Carolina Maria de Jesus¹¹).

Ao fim da última linha do primeiro diário, conquistados — ou não — pelo enredo de uma das escritoras mais controversas da literatura brasileira, podemos indagar: termina assim? A trivialidade do encerramento abisma e deixa em suspenso. O que aconteceu depois que ela levantou ao alvorecer e foi carregar água (cf. JESUS, 1963, p. 167)? Como foram os dias subsequentes?

Os registros da imprensa em geral — entrevistas, reportagens e fotos da época — que chegaram aos nossos dias nos ajudam a alcançar algumas conclusões fatuais. Entretanto, eles não são suficientes para aclarar como a sequência narrativa evoluiu através do ponto de vista que tivemos acesso em diário. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, obra publicada em 1961, oferece amparo e retorno para essa e para outras proposições.

No segundo diário, o *dia seguinte* começa assim:

Levantei as 5 horas para preparar as roupas dos filhos para irmos na Livraria. Não vou fazer café porque não tenho açúcar nem dinheiro para o pão. Eu peguei um saco e catei latas, ferros e vidros e uns materiais e fui vendê-los. Não tenho tido tempo de ir vender no Senhor Manoel. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 12 de pão. O Senhor Luiz Barbosa, que reside aqui perto da favela, deu-me lenhas. Eu disse-lhe que hoje eu vou assinar contrato com a Livraria Francisco Alves para editar o meu livro. Ele disse-me que já me viu nos jornais e nas revistas e deu-me mais lenhas. Quando voltei peguei as lenhas e pus dentro do saco e voltei as pressas para a favela (JESUS, 1961, p. 11).

¹¹ JESUS, 1961, p. 69.

O trecho lido nos esclarece que as circunstâncias vivenciadas pela autora estreante não prosperaram de modo instantâneo ou como se dá a passagem da noite para o dia. No dia 05 de maio de 1960, ainda encontramos uma mulher que — no corre-corre dos compromissos antigos e novos — madruga sem tomar café e sai cedo para recolher materiais recicláveis.

Por outro lado, podemos notar que nem tudo permanece como antes. Carolina levantou com antecedência também para preparar os trajés que testemunhariam a assinatura do contrato com a Livraria Francisco Alves. Pelo comentário de seu benfeitor de lenhas, entendemos que a escritora da favela já aparecia nas notícias de jornais e de revistas. Assim sendo, cada manchete e felicitação dava sinais de que seu triunfo em forma de livro se tornava mais concreto.

Com a realidade do livro em mãos, as mudanças se aceleraram: visitas a rádios e a programas de televisão; viagens nacionais e internacionais; encontros com celebridades, governantes, escritores, artistas e acadêmicos; e — o não menos importante — novo endereço. Quase seis meses depois, ela chega a anotar a seguinte observação:

Eu consegui enriquecer com o meu livro. O meu livro foi uma fada que transformou-me de gata borralheira a princesa. Os meus sonhos estão concretizando. Eu desejava uma casa de alvenaria. Consegui. O que emociona-me é introduzir a chave na fechadura e abrir a porta e saber que a casa é minha. Tem hora que tenho vontade de dar um grito para ser ouvido no universo:
Viva o meu livro!
Viva os meus dois anos de grupo escolar!
E viva os livros, porque é a coisa que eu mais gosto, depois de Deus (JESUS, 1961, p. 122-123).

Naturalmente, o recorte temático do segundo diário se afasta daquele delimitado no primeiro. Outro repertório lexical toma o domínio textual: livraria, autógrafo, fotografia, luxo, restaurante, entrevista, hotel, presentes. Para além dos termos que acabamos de pontuar, há mais algumas expressões igualmente recorrentes que — por sinalizar fortemente a essência da segunda iniciativa editorial caroliniana — merecem ser sublinhadas: *meu livro* e suas variantes.

Em *Casa de Alvenaria*, acompanhamos de perto o frenesi da *saga da publicação* e a fastiosa busca por um lugar na *sala de visitas*. Podemos dizer que a autora foi tão bem quanto pode na tarefa de assentar-se no solo dos literatos. Em contrapartida, a travessia para outro estrato social se mostrou mais custosa.

Folheando seu texto vemos que, de modo ligeiro, as colocações precedentes — que eram mais esperançosas e confiantes — foram substituídas por outras de teor mais duvidoso e comedido: (a) “Agora eu estou na sala de visita. O lugar que eu ambicionava viver. Vamos ver como é que vai ser a minha vida aqui na sala de visita” (JESUS, 1961, p. 48); e (b) “... Eu ainda não me habituei com este povo da sala de visita — uma sala que estou procurando um lugar para sentar” (JESUS, 1961, p. 66). Sem acomodação, crescem as recaídas em indicadores — mais ou menos evidentes — de desconformidade e de certo desgosto:

Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou de mal comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros.

Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra favelados fui apedrejada... (JESUS, 1961, p. 83).

As últimas páginas do *diário da ex-favelada*, contrastando com as do diário anterior, retratam o começo do reconhecimento da episteme sulevar caroliniana. A narrativa derradeira trata da ocasião em que Carolina foi convidada para assistir à estreia de uma peça inspirada em seu livro e para discursar aos presentes junto a outros convidados. Nessa noite, subindo ao palco, dividiu espaço com ativos e afamados representantes da política, da educação e da arte.

De modo naturalmente equivocado, ela esperou por posicionamentos inteiramente comprometidos com a mudança, por comportamentos polidos e por uma organização harmoniosa nos colóquios. A atenção à mensagem de seus temporários colegas de tablado e ao cenário que se formou terminou na estupefação. Carolina estranhou a manifestação dos dois oradores que a precederam, pois: a primeira pareceu encarar o problema da favela com vergonha e o segundo não mencionou a necessidade de eliminá-lo (cf. JESUS, 1961, p. 180-181).

Apesar de tudo, a autora homenageada não se viu persuadida a substituir — ou a dar matizes mais palatáveis — aos detalhes da verdade que fizeram parte da realização de seu maior ideal. Não se sentiu desestimulada diante da própria história, nem se ocupou da autopublicidade comercial ou de qualquer outra ação que lhe parecesse inapropriadamente rasa ao tributo. Perfeitamente insubmissa, a terceira oradora utilizou seu tempo de fala para denunciar os desrespeitos e os descasos sofridos impressos na poética de sua obra.

A intervenção do quarto orador — em contrapeso às falas que a confundiram — deu mais corpo à visão das minorias, operando como brasa na pólvora.

O quarto orador foi o poeta negro Solano Trindade. Criticou a teatralização de Dona Edy Lima. Disse que ela não citou as agruras que o livro relata como depoimento do gravíssimo problema que são as favelas espalhadas pelo Brasil afora. (...) O público interferiu-se, ora aplaudindo, ora vaiando. O Senhor Cavaleiro Lima, esposo de Dona Edy Lima, interferiu aludindo que a Dona Edy não alterou o texto do livro. Conservou a linguagem simples na peça, relatando o meu desvelo pelos filhos, lutando para retirá-los daquele pardieiro.

O Solano Trindade prosseguio, repetindo o que a Ruth de Souza disse na peça:

— Quando uma criança passa fome é problema de todo mundo.

Fico horrorizada vendo a fome ser debatida em assembleia (JESUS, 1961, p. 181-182).

No alvoroço de ânimos sempre mais instáveis, Carolina teve a impressão de estar de volta à Favela do Canindé. Não pensou duas vezes: deixou a arena; expressou sua consternação com um jovem conhecido; recusou um convite para um jantar; e seguiu decidida. “Tomei um taxi e fui para minha casa” (JESUS, 1961, p. 183).

O terceiro diário

*Aos teus olhos o mundo aparece
Cheio de encanto e grandeza
Aqueles que já o conhecem...
Em nada encontram beleza.
Desconheces os desenganos
De alguém que nos faz sofrer
Mas com o decorrer dos anos
Tu hás de compreender
E a velhice triste seguiu
E a mocidade alegre sorriu
(Carolina Maria de Jesus¹²).*

Em *Diário de Bitita*, pela primeira vez, temos a oportunidade de visitar tempos da escrivência caroliniana anteriores aos corredos na capital paulista. Na companhia de uma narradora amadurecida, caminhamos entre reminiscências que começam na infância e se estendem até os primeiros anos da juventude em Sacramento, em suas cercanias e também em paragens mais longínquas. Coloca-se, então, uma primeira questão: nessas páginas, encontramos os episódios semelhantes aos das publicações anteriores?

¹² JESUS, 1996, p. 191.

Considere que a epígrafe selecionada adianta algumas respostas possíveis. Entre as lembranças de Bitita podemos encontrar ciclos de descoberta e de realizações juvenis; no entanto, alertamos que seguiremos por uma dura senda inaugurada em tenra idade. O terceiro diário nos oferece a pintura de um passado transpassado pela escassez e acometido pelas discriminações de cor e de classe. Uma confissão presente na segunda metade — quase ao fim — da narrativa pode servir de síntese simbólica para a percepção do quão contundentes foram algumas etapas: “Fiquei sem ação. Eu que tenho um espírito de luta, de arrojo inabalável, que sou forte nas resoluções. Chorei. [...] Não lhe disse nada. Dizer o quê?” (JESUS, 1986, p. 167).

Apesar disso, as lágrimas, o silêncio e a paralisia não imperaram. Os leitores de *Quarto de Despejo* e de *Casa de Alvenaria* são capazes de entender que a postura da autora desses dois diários não poderia ter nascido no encontro com o repórter do jornal *Folha da Manhã* ou com qualquer outro benfeitor editorial. O ânimo resistente de Carolina foi forjado desde a meninice. Cedo, ela entendeu a necessidade de não se submeter aos golpes de toda contra maré.

Essa verdade e outras depreendemos, sem demasiado esforço analítico, de *Diário de Bitita*. Há diversas considerações que — em sua superfície ou imo — nos permitiriam traçar um mapa simplificado de algumas características da persona caroliniana. Por exemplo, a autora mineira conta que sua persistência pueril chegava a ser insuportável. Ela mesma percebeu e reconheceu que, pelo choro incessante — uma de suas especialidades na primeira infância — e pelo cansaço, alcançava seus interesses, prêmios e, às vezes, uns tabefes.

Ora, valia a pena correr o risco e, por isso, ela se aventurava e gastava o estoque de paciência de Maria Carolina — Cota, sua mãe — ou de qualquer outra pessoa da qual dependesse a conquista almejada (cf. JESUS, 1986, p. 12-13). Na terceira publicação da trilogia existencial caroliniana, temos a sorte de adentrar os quintais interiores da pequena sacramentana não só para coletarmos os vestígios de suas peripécias, mas também para contemplarmos suas primeiras penas e vitórias. Além do mais, arrecadamos certos detalhes do amadurecimento — não sem contradições — de uma mente prodigiosamente inquieta e profunda.

Bem no início desse diário, há uma passagem em que, uma resposta de Bitita excessivamente sincera e livre — ou sem filtro — causou todo um desacordo cujo desfecho nos interessa:

Quando minha mãe falava eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

— Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

— Se estou no mundo é por intermédio da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.

Minha mãe sorriu e disse:

— Que menina inteligente. E está com quatro anos.

Minha tia Claudimira comentou:

— Ela é mal-educada (JESUS, 1986, p. 8).

Na sequência, a tia que testemunhou o diálogo entre a mãe e a filha levantou críticas incisivas à sua irmã por não dar os tapas — que sabemos desnecessários — da tradicional educação a tempo de torcer o cipó novo. Cota, que já havia rido e reconhecido a inteligência da pequenina, respondeu com uma máxima fatídica e arrematadora: “O que tem de ser, já nasce” (JESUS, 1986, p. 9).

Depois de concluir que sua mãe dava mostra de maior senso em comparação com a sua tia, a menina terminou vacilante e preocupada, ponderando sobre os motivos que justificariam os corretivos. “O que será quatro anos? Será doença? Será doce?” (JESUS, 1986, p. 9). Desde pequerrucha, Carolina de Jesus deu mostras da potência e da agilidade de sua mente em contínua busca de respostas e de sentidos.

As crônicas de Bitita — denominação informal nossa — também lançam luz sobre os excessos imaginativos e interrogativos naturais ao cerne criativo-existencial caroliniano. Nesse ponto, a fim de avultar nosso entendimento com exemplos, temos o trecho que se segue:

As minhas ideias variam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso.

Um dia perguntei à minha mãe:

— Mamãe, eu sou gente ou bicho?

— Você é gente, minha filha!

— O que é ser gente?

A minha mãe não respondeu.

À noite eu olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava: ‘Será que as estrelas falam? Será que elas dançam aos sábados? Sábado hei de olhar para ver se elas estão dançando. No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as estrelas mulheres brigam por causa dos homens? Será que o céu é só onde estou vendo?’ (JESUS, 1986, p. 10).

Será isso? Será aquilo? Com o auxílio de expedientes imagéticos e em resvalos poético-filosóficos, Carolina documenta a volatilidade do seu raciocínio, a fachada insuspeita das suas interpelações e a perspicácia do seu tino explorador.

Outra miudeza que chama nossa atenção é a conjugação da escrita no presente-pretérito. Em alguns trechos, há a predominância de verbos exprimindo ações em um hoje; e não somente nos casos de reprodução de diálogos ou de observações pontuais. Nota-se que a voz narrativa oscila na linha tempo sem qualquer receio. Lemos essa especificidade literário-gramatical também como demarcação da liberdade e da vida concedidas à memória.

Passando por esse assunto, não podemos deixar de sublinhar a capacidade extraordinária de registro mental que a autora garante possuir desde sempre. Ao longo do terceiro diário, além de declarações como: “O meu cérebro anotava tudo que eu ouvia, sem esforço” (JESUS, 1986, p. 32), encontramos passagens várias em que somos convencidos de sua lisura. Todavia, não podemos esquecer que acompanhamos uma persona que concentra todas as funções narrativas e de anamnese em si.

Confesso ter questionado o quanto de ficcionalização poderia haver nas palavras — ou no processo de recordação — de Carolina. Como ela mantinha a cabeça nas nuvens e os pés no chão, essa intuição leitora não poderia ser descartada ou confirmada sem as devidas averiguações. A contação caroliniana segue as linhas daquela que a concebeu: dispõe de dados recuperáveis e irrecuperáveis. Por isso, não sabemos até que ponto ela pode ter chegado a brincar conosco ou com o próprio percurso. De qualquer forma, um ou outro esquecimento proposital, uma ou outra fabulação, não seria condenável. Seria?

Entendemos que, em seu livro reminiscência, teríamos um vasto leque de opções temáticas a verificar e correlacionar com o recorte nuclear deste trabalho, podendo citar: a ausência e o desconhecimento da identidade de seu pai; o desejo de virar homem; a rejeição com relação à agitação gerada pelos bailes semanais e a indiferença para com a dança; as dúvidas sobre sua saúde mental; as experiências vividas nos espaços de aprendizagem e de trabalho; as relações familiares; as formas de assimilação e de expressão da não aceitação do lugar social destinado ao seu corpo e intelecto; e assim por diante. A lista de opções para possíveis desdobramentos é extensa. No entanto, nos interessa partir daquilo que, nesse primeiro momento, nos parece fundamental: saber ler e escrever.

A saga das origens da poetisa de Sacramento também vem como um apelo social que aponta para as consequências de uma realidade estrutural e estruturante: a inexistência de um projeto governamental de alfabetização — e de letramento, incluso — destinado às minorias, especialmente à população negra. Com Bitita, percebemos que os pretos, as meretrizes e os pobres não sabiam ler; e que, mesmo entre os membros da força policial local, havia

apedeutos. Consiente — não podemos precisar o quanto; mas, de certo, o suficiente — do quadro social das primeiras décadas do século XX, sem recorrer a meias palavras, ela afirmou nunca ter visto “um livro nas mãos de um negro” (JESUS, 1986, p. 121).

Como um mantra, essa privação se espraia na trama dos capítulos que organizam a obra. Por causa disso, descobrimos o desgosto do Sócrates Africano — o avô de Carolina — por não ter um filho que soubesse ler, bem como as vantagens e as desvantagens da alfabetização experimentadas por sua neta. Efetivamente, antes de sua morte, Benedito José da Silva deixou uma recomendação com força de legado a seus netos: estudar com devoção e com esforço (cf. JESUS, 1986, p. 57).

Apesar das contrariedades internas e externas, as palavras do ilustre ancestral — recebidas como *um selo e um carinho* (cf. JESUS, 1986, p. 57) — despertaram na autora a tempo. Apesar de não ter conseguido finalizar os estudos antes do primeiro movimento migratório de sua longa jornada¹³, havia recebido preparo escolar suficiente para ler e escrever com autonomia. Porém, as lições tomadas no colégio espírita não foram as únicas intervenções que fizeram de Bitita uma leitora e escritora de mundos, a convivência comunitária também deu a sua contribuição.

O senhor Manoel Nogueira passava o dia com os brancos porque era oficial de Justiça. E no entardecer ele sentava na porta de sua casa, e lia o jornal *O Estado de São Paulo* para nós ouvirmos trechos que foram ditos pelo Rui Barbosa; por exemplo, que cada estado deveria ceder terras para os negros cultivar. Mas este projeto não foi aprovado na Câmara (JESUS, 1986, p. 40).

Seguramente, a escuta das notícias intermediadas pelas opiniões do Sr. Nogueira — homem *no meio-termo da sociedade* (cf. JESUS, 1986, p. 39) — e de outros ouvintes formaram a (sub)consciência crítica, social e política de Carolina Maria de Jesus. Misturada entre os adultos, ela acompanhou: o panorama político nacional e internacional de seu tempo, a variação da inflação com suas consequências e o advento da modernidade capitalista simbolizada na aquisição de um Ford¹⁴. Sem a regulação de qualquer tipo de sistema de classificação indicativa, as pautas dos jornais — e da vizinhança — encontravam livre espaço deliberativo em sua mente.

¹³ “Famos residir na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba. O proprietário era o senhor Olímpio Rodrigues de Araújo. Foi com pesar que deixei a escola. Chorei porque faltavam dois anos para eu receber o meu diploma. Único meio de resignar-me, porque a decisão paterna vence” (JESUS, 1986, p. 128).

¹⁴ “Queria ser um homem forte e comprar um Ford. Queria ser igual ao José do Patrocínio, que ajudou a libertar os negros e ainda comprou um Ford. Eu havia visto o Ford no jornal. Que vontade de andar naquilo!” (JESUS, 1986, p. 94).

Com o passar do tempo, o entendimento das injustiças sofridas e a disposição para combatê-las só cresceram na pequenina. Podemos citar um tenso episódio em que — fazendo bom uso da compreensão das palavras de Rui Barbosa, político brasileiro que teve destaque nas páginas do *Estadão* — a impetuosa Bitita argumentou contra atos desrespeitosos cometidos pelo filho branco de um juiz da cidade de Sacramento. Ao final da “briga de homem com homem” (JESUS, 1986, p. 29), vencido pela fala eloquente e pelos fatos expostos, o influente cidadão anunciou que iria embora da cidade.

O primeiro resultado prático colhido por Carolina foi o impedimento de sair de casa. Somente após a transferência da família Brand para o Rio de Janeiro, ela viu novamente a luz do mundo e foi muito bem recompensada — com elogios e com mimos — por todos que se sentiram contemplados pelo saldo de sua coragem. Por esse ocorrido e pela insistência em questões acerca da confusão da humanidade, Cota chegou a um veredito: deveria intervir. Não hesitou e recorreu à — quase sempre exitosa — autoridade de mãe.

Minha mãe disse que não ia deixar eu ir ouvir as leituras do senhor Manoel Nogueira, que eu estava ficando louca. Aconselhou-me a ir brincar com as bonecas. Fui brincar. Não senti atração. Não me emocionei. Não poderia viver tranquila neste mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! se me fosse possível lutar para deixá-lo em ordem! (JESUS, 1986, p. 51).

O último painel exibido, além da função de contextualização da obra, ambiciona clarificar o quanto os laços da indisciplinada Bitita com a mídia e com a *desordem* mundial são estreitos, honestos e antigos. Em sua infância, adolescência e juventude, ela compreendeu — melhor do que muitos de seus parentes, conterrâneos, contemporâneos e futuros — que “o homem que não sabe ler fica parado igual uma árvore num lugar” (JESUS, 1986, p. 93). Talvez, por isso, escolheu não ceder aos medos, preferiu se mover e não parar nas raias dadas.

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros.

Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade... (JESUS, 1986, p. 202-203).

4. CONTORNOS DA ESCRITA EM CAROLINA

As coisas que me faz falta: livros, tinta e papeis
(Carolina Maria de Jesus¹⁵).

Antes de qualquer colocação direta sobre a escrita da autora estudada, é preciso entender que *a mulher que escreve* também é *a mulher que lê*. Desde muito cedo, Carolina se dispôs a ler tudo que pudesse ser lido e que estivesse ao seu alcance: notícias, poemas, contos, romances, textos dos mais diversos gêneros e em variados suportes. Mesclando literatura, informação e vida, tornou-se sensível à apreciação do texto-mundo.

Aos olhos e aos ouvidos de Bitita, dificilmente, a arte do texto-vida passou despercebida.

O Adalberto errou o quarto. Em vez de entrar no dele entrou no quatinho da Aparecida. E os favelados queriam retirá-lo de lá, porque se o Negrão chegasse havia de espancá-lo. Eu fui retirá-lo de lá porque ele me obedece. Resolveu sair. Quando eu fui deitá-lo, ele disse:

— Sabe, Carolina, eu sou um homem infeliz. Depois que morreu Marina nunca mais ninguém me quiz.

Eu dei uma risada, porque percebi que ele havia falado e formado uma quadrinha¹⁶. Parei de rir, porque a tristeza de sua voz comoveu-me. Marina foi uma mulher negra que viveu com ele. Bebia muito. E morreu tuberculosa com 21 anos (JESUS, 1963, p. 147).

Sua sondagem rápida vai do riso causado pelo encantamento do uso estético da linguagem — aparentemente involuntário — à melancolia produzida pela solidariedade. A leitura do texto e do contexto levaram nossa autora a uma espécie de suspensão que a deixou entre o efeito de humor calculado — isto é, característico do gênero — e a tristeza desmedida. Ao lado dos cuidados e dos infortúnios cotidianos, a leitura — bem como a escrita — se mostra como um acontecimento irrefreável.

A rebeldia e a insubordinação que tantos apontaram em seu feitio, de certa forma, também figuravam como expressão de um desejo urgente sempre adiado e incompreendido.

Quero um emprego, por exemplo, numa casa editora, onde eu pudesse escrever, escrever, e só escrever... Compreendeu? Tenho que descarregar a cabeça de toda esta inspiração que me atormenta dia e noite. Já sei que as patroas não gostam de cozinheiras que saibam fazer versos, como eu (JESUS, 1942 *apud* FARIAS, 2017, p. 137).

¹⁵ JESUS, 1961, p. 73.

¹⁶ Gênero popular caracterizado pelo bom-humor em que rimam o segundo e o quarto verso.

De modo estranho — ou não —, essa inadequação não desanimou Carolina. O flagrante descabimento se converteu em força de incentivo e em combustível. Reconhecendo que a má vontade despertaria contra tudo que a afastasse de seu ideal, ela simplesmente se agarra em seus fundamentos e não declina diante dos baques.

Convém frisar que, mirando a escrita em Carolina Maria de Jesus, assimilamos e ponderamos tão melhor sobre a natureza da arte literária como bem incompressível, como direito-dever (cf. CANDIDO, 2004). Ainda mais, na lógica caroliniana, a atividade literária se fazia superior a qualquer outra incumbência. Por esse motivo e em todo caso, as panelas e o fogão seriam negligenciados; e a roupa suja e o tanque perderiam.

Eu disse: o meu sonho é escrever
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa (JESUS, 1996, p. 43).

O modesto mosaico que, gradativamente, montamos neste trabalho visa tornar perceptível o fato de que, ainda que não tivesse sido a sensação literária do primeiro ano da década de 1960, de qualquer maneira, seria *a mulher que escreve e lê sendo* — como foi na intimidade de seu círculo familiar e nos limites de sua comunidade — *a preta que gostou de livros e cadernos*.

O ideal caroliniano

*Como se vê, todos têm um ideal
que é o combustível da alma
(Carolina Maria de Jesus¹⁷).*

Quando e como Carolina de Jesus despertou para a aspiração que a distingue entre tantos comuns? Hoje, não sabemos com precisão e, talvez, nem haja resposta absoluta para essa pergunta. Mesmo assim, interessa-nos trazer à vista aspectos centrais da certeza incancelável que fez de uma diarista da favela — em amplo sentido — um dos nomes mais marcantes da literatura afro-brasileira.

Estou escrevendo e pretendo continuar escrever. Agora que estou encaixada dentro do meu ideal que é escrever. Tenho a impressão que estou regressando ao passado, que estou voltando aos 20 anos, aos 18 anos. Eu fui amante das quadras da vida. Fui amante da primavera, do outono, do inverno e do verão. Agora estou de mal com o

¹⁷ JESUS, 1986, p. 19.

verão. Fiz as pazes com a primavera e ela adornou meu coração com flôres perfumadas e construiu um castelo de ouro para eu residir. [...] Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Depois que conheci o reporter tudo transformou-se (JESUS, 1961, p. 25-26).

Este trecho destacado de *Casa de Alvenaria* chega aos nossos ouvidos cheio de possibilidades. Nos sentimentos que o perpassam, encontramos: resignação, recomposição, rememoração, repreensão e reconhecimento. Com todas as letras, Carolina escancara o cerne de seu objetivo de vida e a resolução de não se desviar dele.

Se fosse convidada a falar sobre seu ideal, ela não vacilava, afirmava categoricamente que era escrever e, conjuntamente, gostar de ler (cf. JESUS, 1963, p. 23). Esse posicionamento nos coloca diante de um caminho que se delinea entre dois afazeres indissociáveis e, reciprocamente, fomentadores. Aliadas, leitura e escrita se fazem um composto de dois tempos: ponto de partida-chegada.

Inclusive, bem antes de contemplar a efetivação de seu maior propósito, em uma entrevista, ela admitiu já ter feito de tudo para curvar a linha de seu destino e para esquecer a tortura dos versos que ocupavam sua mente. Confessando-se vencida, completou: “[...] mas eles brotam do meu pensamento e eu não tenho outro remédio senão dar-lhes expansão” (JESUS, 1942 *apud* FARIAS, 2017. p. 118). Isso deixa claro que, sem êxito, Carolina tentou escapar do laço do seu fado.

Na ponta do lápis, emergia um *eu* genuíno e validado. Como conseguiria esgueirar-se? Nos becos da favela do Canindé não houve lugar, nas ruas de São Paulo muito menos; nas folhas do caderno e na criação sim. Na predileção pela leitura e pela escrita, há escapismo; mas também há a legitimidade de um ser em re-construção.

Não podemos negar: sua fuga é justa, é busca de lugar, é falta de identificação e de conformação com uma realidade com a qual ninguém poderia ou deveria se identificar. Nas linhas dos cadernos, acontecia a reintegração de uma espécie de forma original perdida-roubada. Em seu ideal, sabia ter lugar existencial e discursivo efetivos.

Não podemos esquecer que, nos diários, ela revisitava seu (não)lugar, seus encontros e desencontros, por isso sua escrita não se configura como puro refrigério. Concorda?

Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insipido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida

somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior (JESUS, 1963, p. 157).

Carolina percorria — e, quando podia, perfazia — os mesmos episódios com o benefício da expressão aberta e crítica. Pensando bem, o ideal caroliniano era, em suma: poder ser.

Dando materialidade ao seu ideal, Carolina Maria de Jesus, enfim, passou a existir de modo longo e perene.

O reporter desembulhou os livros e deu-me um. Fiquei alegre e disse:
 — O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor.
 E li o meu nome na capa do livro.
 Carolina Maria de Jesus.
 Diário de uma favelada.
 QUARTO DE DESPEJO
 Fiquei emocionada. O reporter sorria:
 — Tudo bem, não é, Carolina?
 — Oh! sim. Tudo bem.
 É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti (JESUS, 1961, p. 33).

O intento vital de Carolina não poderia assumir outra forma senão a do livro. Este que é seu *ideal concretizado* (cf. JESUS, 1961, p. 37), pois também é a peça que melhor evidencia a unidade entre escrita e leitura.

A leitora

Desde o dia que aprendi a ler leio todos os dias
 (Carolina Maria de Jesus¹⁸).

Em *Diário de Bitita*, encontramos a primeira experiência de Carolina de Jesus como leitora autônoma. Nele, vemos como — depois de alguns meses de objeções e relutâncias consequentes da entrada tardia no sistema escolar e dos embaraços causados pelos constrangimentos que rebentam desde as mais *inocentes* relações em uma sociedade moderna estruturalmente racista — a menina cedeu aos incentivos e aos métodos pedagógicos de Dona Lonita¹⁹. Desse modo, o sentimento de obrigação foi dando lugar ao de gratidão colaborativa; e, em um dia como outro qualquer, ela percebeu que já sabia ler e compreender o que lia, realizando inferências profundas.

¹⁸ JESUS, 1961, p. 166.

¹⁹ Educadora que alfabetizou Carolina de Jesus.

Podemos, juntos, conferir a memória registrada de sua *epifania da literacia*, permitindo-nos algumas avaliações:

Senti um grande contentamento interior. Lia os nomes das lojas! ‘Casa Brasileira, de Armond Goulart.’ Não é só esta loja que é uma casa brasileira. Mas as casas, as árvores, os homens que aqui nascem, tudo pertence ao Brasil. Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão (JESUS, 1986, p. 126).

Sua compreensão de *brasilidades* surpreende, não? Como leitora do mundo, percebeu que não apenas a loja que trazia na placa o termo nacionalizante era brasileira! Imediatamente, alarga-se a visão das possibilidades que vêm com o letramento. A narradora continua:

Li: ‘Farmácia Modelo.’ Fui correndo para casa. Entrei como os raios solares. Mamãe assustou-se. Interrogou-me:
— O que é isto? Está ficando louca?
— Oh! Mamãe! Eu já sei ler! como é bom saber ler!
Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Escrava Isaura*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que deveria ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizados eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão (JESUS, 1986, p. 126).

Correu para anunciar, sentiu-se solar. Com uma comparação significativa, ela frisa o lampejo que a tomou e a fez outra. Procurando enriquecer o espírito, também conseguiu com uma vizinha *A escrava Isaura* (1975), de Bernardo Guimarães. A princípio, poderíamos crer estar diante da cena de uma simples e infantil aceitação de uma leitura oferecida, ou seja, de uma escolha sem critérios. Será? No trecho lido, não ficam em suspenso indícios de certa seletividade quando a autora afirma a decisão de ler tudo que mencionasse a nefasta escravidão?

Bem, ainda que tudo tenha sido fruto da pura arbitrariedade, não podemos escapar de uma certeza: a experiência literária descrita não foi superficial. Com quem teria aprendido, o quanto as práticas do Colégio Allan Kardec teriam preparado a leitora que se fez, já que aspectos de uma interpretação crítica ficam explícitos? Constata-se não somente a imersão gravada na comoção; mas a emersão estampada nos desdobramentos e nos lucros de um verdadeiro estudo literário: “Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler” (JESUS, 1986, p. 127-128).

Para além das perspectivas apontadas acima, guardamos uma última observação sobre o excerto selecionado. Em seu último período, destacam-se os incômodos que entrelaçam escravidão, cultura, alfabetização e letramento por um elo paradoxal. Sem saber — ou sabendo —, Carolina nota e dá espaço em seu texto para o *letramento alforria*: “se você ensinar aquele preto (falando de mim) a ler, nada mais poderá detê-lo. Isso o tornaria inapto a ser escravo” (DOUGLASS, 2021, n.p). O atributo que a escritora encontra no indivíduo culto, sabemos que podemos encontrá-lo no letrado — da mesma maneira que a ignorância declarada sobre o escravizado vale potencializada para os seus senhores.

Seu *pacto com a leitura* se afirma e confirma em várias passagens dos três diários. Sempre que considerava preciso, ela levantava cedo e dormia tarde pelo prazer, pelo hábito e pela companhia da leitura. Dois fragmentos de *Quarto de Despejo* e um de *Casa de Alvenaria* que seguem em sequência nos ajudam a atestar a veracidade de sua disposição: (a) “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler” (JESUS, 1963, p. 22); (b) “Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto” (JESUS, 1963, p. 10); e (c) “Levantei as 2 horas, fiquei lendo. Pensando na minha vida que está transformando-se” (JESUS, 1961, p. 29). Selecionamos estes três, todavia — como antecipadamente dito — teríamos muitos outros episódios.

De mais a mais, a tentativa — ou o luxo — de usufruir de uma biblioteca pessoal nunca a abandonou. Na primeira mudança, enquanto sua mãe encaixotava os utensílios da família, Carolina preparava seus livros para a viagem: “a única coisa que eu venerava” (JESUS, 1986, p. 128). Ao deixar a casa de uma de suas numerosas patroas, levou consigo “livros velhos que estavam no quartinho” (JESUS, 1986, p. 176), entre estes um *Dicionário Prosódico de Portugal e Brasil*, de Antônio José de Carvalho e João de Deus. Como sua juventude foi marcada por constantes e conturbados deslocamentos, dificilmente conseguia levar seus bens mais preciosos consigo. Em São Paulo, instalada na Favela do Canindé, pode conservar cada exemplar encontrado ou recebido em seu quartinho. Até que, no dia 30 de agosto de 1960, todos eles a acompanharam até a primeira casa de alvenaria alugada em Osasco:

Os jornais já havia noticiado que eu ia mudar para Osasco as 14 horas. Na favela os curiosos já estavam presentes e as crianças rondando o barracão. Não vieram auxiliar-me. A D. Alice disse-me que os meninos haviam mexido nos meus livros. Xinguei-os. Respirei aliviada quando o motorista chegou (JESUS, 1961, p. 45).

A dedicação à leitura foi tanta que não duvido ser possível a realização de um trabalho destinado ao mapeamento do repertório da leitora que não desperdiçava um intervalo livre.

Nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luiz Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes. Todos os brasileiros atuais, e os do porvir, devem e deverão render preito ao saudoso José Joaquim da Silva Xavier. Não foi salteador, não foi pirata, foi um dos que também sonhou em preparar um Brasil para os brasileiros (JESUS, 1986, p. 130-131).

Do mesmo modo, leu: *Os Lusíadas*, de Luís Camões, com o auxílio do *Dicionário Prosódico*²⁰; *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *Os Velhos Marinheiros*, de Jorge Amado; livros da vida dos santos — no tempo em que trabalhou como cozinheira na Santa Casa de Misericórdia; e tantos outros que agora não citamos.

Feliz dia, em que a leitora despertou. A sua maneira, Carolina foi mais longe do que a sua condição poderia permitir. Sem autorização, ela tomou posse dos saberes lidos para forçar sua inserção social e atuar no mundo. A mulher que leu clássicos, contemporâneos, dicionários, revistas, jornais e a própria existência teve — e ainda tem — muito para dizer:

Ele disse que para o Rui quando os negros aprenderem a ler eles hão de saber defender-se. Não vão aceitar a coleira com humildade. Até o cão sabe defender-se. Sabe rosar para impor respeito. Não vão aceitar as imposições. O Rui dizia que no Brasil ainda vai haver negros doutores, médicos, advogados, engenheiros e até professores. O Brasil não vai ficar assim. Os homens do futuro vão ser mais cultos. Esta canalha de prepotentes vai morrer. Os negros devem estudar e não guardar ressentimentos. A herança de ódio não deve transferir-se de pai para filho (JESUS, 1986, p. 52).

A escritora

Ia-me encorajando a lutar, apoiada na minha curiosidade. Queria viver para ver o que os melhores dias que virão vão proporcionar-me
(Carolina Maria de Jesus²¹).

Tendo realizado preliminares consideradas relevantes, seguimos com o objetivo nuclear deste trabalho: a observação da escrita em Carolina Maria de Jesus. De agora em diante, destacaremos detalhes que possam evidenciar sentimentos, processos, projetos, adversidades e realizações. Importa ressaltar que a maior parte da nossa fonte de análise virá

²⁰ JESUS, 1986, p. 177.

²¹ JESUS, 1986, p. 172.

dos dois primeiros diários publicados: *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*.

Valendo-nos de recortes temáticos que flutuam entre a autonomia e a correlação, intenciona-se realizar complementações e comparações que nos ajudem a dispor quadros que nos mostrem a autora em diferentes etapas e disposições. O caso caroliniano — como típico ponto fora da curva — sobressai, a uns surpreende e a outros pasma. Se pudermos afirmar que, em cada leitor aplicado, há um escritor em potência, podemos encontrar na mineira de Sacramento uma perfeita amostra e perguntar: o que foi necessário para uma Carolina leitora conformar-se como escritora?

Começamos pela vista da rotina de escrita. Sabendo que não poderia simplesmente ignorar as responsabilidades da subsistência, do cuidado do lar e dos filhos, Carolina buscava melhor aproveitamento do dia por meio de algumas estratégias. Alargava o dia com o auxílio da noite e da madrugada; ampliava suas horas encaixando átimos literários entre o ferver das panelas e o quorar das roupas ao sol; dilatava seus minutos e segundos renunciando às horas vagas. Dormia, sonhava e acordava escritora: “O João e a Vera deitaram-se. Eu fiquei escrevendo. O sono surgiu, eu adormeci” (JESUS, 1963, p. 167).

Com efeito, ela manteve a escrita entre suas prioridades de modo inegociável. Se precisasse deixar de ouvir um drama no rádio, sem bambejar, deixaria. Quando os desocupados apareciam em seu caminho ou porta, sem cerimônias, desviava ou despachava. Caso as distrações despontassem, sem titubear, desprezava. Desde o segundo em que definiu seu ideal e destino, nada — ou quase nada — pode desviá-la. Ainda que não encontremos o registro de um gerenciamento formalizado por uma metodologia explicitada, em seu texto recuperamos: *recorte temático* — “Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 1963, p. 17); *finalidade* — “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém” (JESUS, 1963, p. 25); e *motivo social* — “Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isto em prol dos outros” (JESUS, 1963, p. 32).

Sob o patrocínio da austeridade e da convicção assumidas, aparentemente, Carolina esteve sempre cercada de múltiplos projetos de escrita e de suas implicações. Sua segunda publicação, inclusive, revela a produção de: (a) um conto, “A Felizarda”, que pretendia radiofonizar; (b) um drama concluído, “A Senhora Perdeu o Direito”; (c) “Onde estas

Felicidade?” — texto que distingue como *uma história interessante* (cf. JESUS, 1961, p. 154-155); e (d) outras obras em preparo que não tiveram seus títulos ou conteúdos expostos no diário. Por meio de uma entrevista, também sabemos da elaboração de um livro que se chamaria *Cliris* (cf. FARIAS, 2017, p. 124). Em seus cadernos, ela registrava não apenas notas da vida no *quarto de despejo da cidade*; mas textos abertos aos diferentes meios de circulação da época.

Para reconhecer o esmero e a proficiência da autora não precisamos fechar os olhos ao fato de que a incontestável constância e os sinais de planejamento também sofriam com a sobreposição de necessidades e de tarefas. Carolina também confessava seu estado de confusão, de desilusão, e a falta de ocasião: “Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa” (JESUS, 1963, p. 40); e “Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo” (JESUS, 1963, p. 141). Por mais que fosse criativa e incansável, após a primeira publicação, vemos momentos em que — como se não pudessem acompanhar o ritmo imposto — o cansaço não colaborava e o tempo dizia o seu não à literata:

Não tenho tempo para escrever o meu *diário* devido os convites que venho recebendo de varias cidades do interior para autografar livros. Convite que atendo como todo o prazer, porque vou conhecer algumas cidades do Brasil. Eu estou cansada. Não tenho tempo para ler. O reporter disse-me que este entusiasmo do povo passa (JESUS, 1961, p. 151).

Estou ficando nervosa com os aborrecimentos diários. Tem dia que não escrevo por falta de tempo. (...) O que sei dizer é que a minha vida está muito desorganizada. Estou lutando para ageitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borracheira (JESUS, 1961, p. 151).

Estando no céu ou na terra, surgindo uma chance, nossa cinderela negra colocava os escritos na pasta e partia, seja para oferecer seus trabalhos no novo ofício e em outros do seu desejo, seja para falar sobre suas produções finalizadas ou em aberto:

A reporter combinou com o senhor Homero Homem e resolveram transformar o programa, apresentando-me num barracão com os filhos, o senhor Homero Homem e o senhor Barbosa Mello. Falamos dos meus livros que eu pretendo escrever e do atual livro. Eles citaram trechos do livro (JESUS, 1961, p. 72).

Esse estado de espírito invariável também foi o que fez Carolina ser “descoberta” pelo jornalista Audálio Dantas. Bem antes, ela já havia recorrido a editoras, jornais e revistas —

locais, nacionais e internacionais — empreendendo a propagação de seus textos em troca do essencial: moradia digna e segurança alimentar.

Chegou dois reporteres. Disseram-me ser do “Globo”, mandei êles entrar. Perguntaram se eu encontrei dificuldades para encontrar editor. Eu disse-lhes que cansei de suplicar as editoras do país e pedi a *Editora da Seleção* nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para êles ler. Devolveram-me (JESUS, 1961, p. 17-18).

Em Farias (2017), encontramos detalhes das visitas que a autora fazia às redações dos periódicos *Folha da Manhã*, *A Noite*, *Época*, *O Dia*, *Última Hora* e *O Defensor*²², nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, com seus manuscritos. Tornar-se notícia de jornal foi fato precedente à estrondoso dita de *Quarto de Despejo*. Como ela bem disse em uma entrevista cedida a um jornal carioca: “Tive horas de alegria; fiz versos e os vi publicados nos jornais paulistas. Senti a sensação da glória, vendo as minhas produções estampadas em letra de forma” (JESUS, 1940 *apud* FARIAS, 2017, p. 122-123).

Consagrada como escritora de sucesso, em meio aos compromissos infundáveis, finalmente engrena na recolha dos resultados de toda energia gasta até então. Sim, depois da longa temporada de negativas e de adejos rasantes — ou rasteiros —, Carolina começou a provar os prazeres do voo alto. A partir de então, estabelece-se o registro de pensamentos cada vez mais encorajadores: “Fui recebida com deferencia especial. Essa acolhida amavel que o povo dispensa-me estimula-me a escrever outros livros e estudar” (JESUS, 1963, p. 82). Além do projeto de escrita sempre em mente, ela começou a conceber a continuidade dos estudos; tal porvir, contudo, ainda passaria por seus percalços e frustrações.

²²A convite dos redatores, Carolina Maria de Jesus chegou a atuar como colaboradora de *O Defensor*, abandonando a função após o nascimento de seu segundo filho: José Carlos de Jesus (cf. FARIAS, 2017, p. 128 e 134).

5. ENTORNOS DA ESCRITA EM CAROLINA

Eu gosto da noite só para contemplar as estrelas
sintilantes, ler e escrever.
Durante a noite há mais silêncio
(Carolina Maria de Jesus²³).

Como a noção de *despejo* é uma das que se destacam quando pensamos na imagem e na obra de Carolina Maria de Jesus, achamos conveniente explorá-la junto a aspectos de sua escrita. Pela recolha de balizas e de vestígios textuais, pretendemos cogitar como o despejo viria a envolver, fazer parte e/ou comprometer, o curso da escritora estreante. Como veremos, os *entornos* nada mais são do que determinados elementos que emolduram o fazer poético-literário caroliniano.

Visto que, na edição consultada de *Diário de Bitita*, encontramos apenas a leitora e — com algum esforço — prenúncios da escritora, mais uma vez, há a necessidade de recorrer aos demais diários. O terceiro diário não deixaria de ter algo a oferecer. Nele, podemos visualizar contornos do ambiente formativo e uma gama de experiências primeiras que — por meio de inferências e de verificações diretas — podem contribuir na percepção da conformação da *mulher que escreve*. Contudo, essa inspeção não se encontra entre os tópicos que delimitamos em nossa investigação introdutória. Em outra oportunidade, podemos pensar em esquadrihar as riquezas humanas e literárias desse tempo.

Nas páginas iniciais de *Casa de Alvenaria*, lemos o seguinte:

Fui entrevistada pelo reporter Heitor Augusto. Falamos da favela. E porque a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas terreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos (JESUS, 1961, p. 17).

Na visão de Carolina de Jesus, a formação das favelas paulistanas evocam a desordem e outras características de um cômodo comum em algumas casas. Nele, itens sem destino — de pouco uso ou sem utilidade — encontram parada ou sobrevida antes de se tornarem doação ou lixo.

Ora, não há argumento que permita a presença de tais cacarecos no espaço social do lar sem o risco de desvalorizar a arrumação e o ambiente. Por isso, a eliminação dos

²³ JESUS, 1963, p. 33.

acessórios sem valor prático — ou estético — do alcance da vista é inevitável. Creio que nem precisaríamos de tanto rodeio, contudo, que sirva como qualquer tipo de reflexão. A analogia caroliniana repassa um posicionamento suficientemente transparente: os favelados são os despachados, os desterrados, os exilados em pátria.

Os lugares e o tempo

*No topo de uma colina
Construí uma cabana
De manhã surge a neblina
Que a natureza promana.
[...]
Quando o sol deixa o poente
Tudo encanta na colina
Surge a noite lentamente
Tudo é belo e me fascina
(Carolina Maria de Jesus²⁴).*

Não há um escritório com portas fechadas, silêncio ou biblioteca. Na Favela do Canindé, qualquer local para o ofício literário era fruto de um improviso sempre insuficiente às necessidades da escritora:

Esquentei comida para os meninos e comecei escrever. Procurei um lugar para eu escrever socegada. Mas aqui na favela não tem estes lugares. No sol eu sentia calor. Na sombra eu sentia frio. Eu estava girando com os cadernos na mão quando ouvi vozes alteradas (JESUS, 1963, p. 91).

Vale lembrar que seu barraco contava com um único cômodo (cf. PALMA, n.p, 2017) e que seu quintal — mesmo cercado — era invadido pela curiosidade ou pela intervenção da vizinhança e dos passantes. Não importa qual seja o cenário, são numerosos os trechos em que Carolina relata os vários obstáculos que a atrasam em sua meta, dentre estes: a falta de apoio, a incompreensão e os insultos.

Em meio à carência, a inspiração caroliniana cresceu em perseverança e em obstinação. Os transtornos e as inconveniências atrapalhavam sim; mas não podiam impedir seu fluxo. Contando com uma capacidade de adaptação e de centramento invejáveis, o lugar propício tornou-se aquele em que se está.

Cheguei na redação circulei pelo saguão dos “Diários”. Estava frio, saí para rua e

²⁴ JESUS, 1996, p. 101.

sentei na calçada. Um funcionário do “Diário” veio ver que eu estava escrevendo. Mostrei-lhe o meu livro e o prefácio do reporter. Eu disse-lhe que o reporter tem me favorecido muito e eu gosto muito dêle. (...) Continuei escrevendo. Assustei quando ouvi a vos do reporter:

— Aqui não é lugar para escrever (JESUS, 1961, p. 33-34).

Aqui não é lugar para escrever. Não podemos realizar um justo julgamento considerando simplesmente o que lemos. Não temos muitos detalhes sobre a entoação com que o repórter falou com Carolina, não é mesmo? No entanto, o registro feito destaca um susto. Assustou-se apenas por estar concentrada? Enfim, seja por decoro, seja por orientação do comportamento adequado e modelar ou por efetiva repreensão, ela termina sem — mais um — lugar para escrever.

Neste desdobrar, poderíamos introduzir uma curta digressão sobre a simbologia literária da escrivaninha? Alguns encontram nessa mesinha de usos específicos uma perfeita extensão de seus donos. Através daquilo que se encontra sobre o móvel e por meio do cuidado despendido desde a seleção para compra, vislumbram-se estilos, mentes, comportamentos, temperamentos e tantas outras peculiaridades.

Comprei uma escrivaninha do senhor Victor, o dono da casa de móveis, o meu senhorio. Fiquei de ir pagar depois. Êle foi muito bom para mim. É um homem correto. Tem uma bela qualidade — palavra. A escrivaninha que eu usava foi o senhor Antonio Soeiro Cabral quem deu-me. Quando eu estava mudando êle tomou. Eu disse-lhe:

— Que espécie de homem é o senhor? O senhor não tem palavra. Deu-me a escrivaninha há três meses e hoje vem tomar-me” (JESUS, 1961, p. 111).

Seguindo a lógica da jornada caroliniana: a mobília cedida precisou ser devolvida, o suposto presente tornou-se um empréstimo. Advertida pela sorte de sua sina, ela fugiu de qualquer tipo de comodato tornando-se proprietária e pagando depois. Finalmente, a literata iniciante pode sentar na sua emblemática mesa das letras.

O senhor Alfredo Monteiro disse-me:

— A senhora não precisa fazer almoço. A mamãe faz para nós.

Fiquei contente, porque preciso escrever. Fui sentar ao sol, passou um preto. Cumprimentei. Êle não respondeu-me e olhou-me com desprezo. Xinguei o preto de tudo quanto existe neste mundo. Parece que o preto não está contente com o meu sucesso.

O sol estava gostoso. Comecei a pensar na minha vida. Todos dizem que fiquei rica. Que eu fiquei feliz. Quem assim o diz estão enganados. Devido o sucesso do meu livro eu passei a ser olhada como uma letra de cambio. Represento o lucro. Uma mina de ouro, admirada por uns e criticada por outros (JESUS, 1961, p. 114).

Talvez, o sol tenha sido mais representativo ao seu labor do que uma escrivanhinha pode ser. Com o auxílio do fragmento lido, percebemos que — residindo em casa de alvenaria — ainda cultivava o gosto de abrigar-se ao calor e à luz do astro rei tentando efetuar os imperativos de seu ideal. Nos encaminhamos para uma *especulação solar*, no entanto, preciso pedir licença para olhar para os dias de chuva.

O que dizer sobre os dias chuvosos? Para um *sem lugar*, dias chuvosos são, minimamente, dias de preocupação; para um escritor nas normas, talvez, sejam dias de dedicação e favoráveis ao ofício. Na realidade da autora de *Quarto de Despejo*, aqueles que poderiam ser dias de pausa para a escrita eram horas sem fim de angústia, as outras demandas que a dividiam traziam o sofrimento: “Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo” (JESUS, 1963, p. 37). Nesses dias, a criação era tristemente permeada pela tormenta.

Diante de toda aflição gerada pela visão da falta de recursos, do horror da fome e dos prováveis estragos e estorvos que uma chuva causaria, conferir a mudança do tempo acaba se tornando um ritual indispensável: “Abri a janela para olhar o espaço. Já estou habituada a fitar o espaço para ver se vai chover” (JESUS, 1961, p. 23). Podemos mensurar o quanto esses dias foram torturantes quando lemos a primeira anotação do dia 25 de dezembro de 1960: “Levantei as 5 horas. Hoje eu estou triste. Acho a minha vida sem graça. Fiz café, saí e fui olhar o céu, ver se vai chover, porque estou com dó dos favelados. Porque a favela está alagada. É horrível andar na água” (JESUS, 1961, p. 113-114). Na data comemorativa do Natal, tomada pelo desalento de ainda não ter a *sua* casa de alvenaria *só para si*²⁵. Carolina direciona sua atenção para a possibilidade do desaguar das precipitações.

Para além da proteção das chuvas, outro ganho da nova moradia foi a ampliação do desfrute da luz elétrica e de suas funcionalidades. A autora conta que seu filho, João, sorria porque — com a iluminação do quarto — poderia passar a ler a vontade (cf. JESUS, 1961, p. 48). Levantar cedo para ler ou para escrever já era um hábito que passou a contar com a vantagem da claridade: “Levantei as 4 horas e fui escrever. Começo a gostar da casa. As pulgas estão desaparecendo. Que bom escrever atualmente com a luz elétrica. A minha casa tem 14 lampadas” (JESUS, 1961, p. 129).

²⁵ Nessa época, Carolina já estava na casa que havia comprado em Osasco. Como os antigos moradores se recusaram a deixar o imóvel, ela realizou sua mudança e, por um tempo, dividiu sua casa com 15 inquilinos do antigo dono (cf. JESUS, 1961, p. 110-115).

O desejo da solidão e a busca pelo silêncio

Levantei as 4 horas para escrever. Que silencio. Ouço apenas o cantar dos galos saudando o novo dia (Carolina Maria de Jesus²⁶).

O desejo da solidão e a busca pelo silêncio são simples ambições que — junto a tantas outras — reincidentem nas páginas dos cadernos da escritora da favela. Não é segredo que a solidude e a quietude são especialmente preciosas aos que se enredam nos padecimentos da autoria e nas fainas da criatividade em geral. Com Carolina de Jesus, não foi diferente: “Eu gosto de ficar dentro de casa, com as portas fechadas. Não gosto de ficar nas esquinas conversando. Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo!” (JESUS, 1963, p. 23).

Caberia dizer que tal predileção seria fruto de uma personalidade melancólica e introvertida? Poderíamos cogitar que sua propensão ao isolamento resultaria de uma série de rusgas ou de inimizades? Seria uma justificativa dada por ela à falta de vontade de estar com outras pessoas e de se envolver com as problemáticas da favela?

Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço (JESUS, 1963, p. 23).

Mandei a Vera guardar os tomates e fui perguntar as mulheres o que havia no rio.
— É uma criança que não pode sair do rio.
Fui ver. Pensei: se for criança eu vou atravessar o Tietê para retirá-la e se for preciso nadar eu entro na água.
Corri para ver o que era. Era um jacá de queijo que flutuava. Voltei e fui escrever (JESUS, 1963, p. 121).

Como vimos, as passagens selecionadas e outras existentes não dão sustentação às hipóteses levantadas.

De fato, algumas vezes, evitou envolver-se nas querelas da comunidade do Canindé. No entanto, não o fez por indiferença irrefletida ou desapiedada.

As 10 horas eu saí com os filhos. Quando eu estava perto do Mercadinho vi a afluência do povo. Pensei: briga na certa. Vi o Alfredo correndo e um baiano correndo atrás dêle com uma faca na mão. O Alfredo caiu e o baiano foi esfaqueá-lo. Errou o golpe. O Alfredo levantou-se e entrou numa casa. O baiano ficou na rua com a faca na mão. Eu podia tirar a faca da mão do baiano com uma pedrada, mas eu não posso infiltrar-me nessas brigas, porque preciso pensar nos livros que pretendo escrever. Os meus filhos mesclou-se entre o povo. A D. Isaltina chorava. Eu fiquei com dó do Alfredo. Êle é inofensivo. Eu bradava:

²⁶ JESUS, 1961, p. 148.

— João! José Carlos, Vera! Nós vamos para a televisão! (JESUS, 1961, p. 20-21).

Carolina percebeu dois caminhos: intervir com uma pedrada ou progredir rumo à meta e às portas abertas. Escolheu o segundo; e quem pode dizer que tenha errado na decisão?

Na casa de alvenaria, ela também precisou se desdobrar para desfrutar do recolhimento literário produtivo. Uma novidade nada bem-vinda foi o aparecimento da burguesia pedinte. O sucesso trouxe consigo toda força danosa de um conhecido subtipo humano moderno: interesseiros e gananciosos ávidos por tirar proveito dos ganhos, do nome ou da imagem de quem possam. Essas impertinentes visitas frustraram a tentativa de usufruir de sua solidão como bem entendesse e ainda prejudicaram seu entusiasmo de escrita.

Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. Tem uma senhora que quer dinheiro para comprar uma casa. Eu não tenho. Ela ficou de mal comigo. Ela quer 500.000 cruzeiros.

Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra favelados fui apedrejada... (JESUS, 1961, p. 83).

Recordando as pedradas que precederam sua chegada em Osasco (cf. JESUS, 1961, p. 46), a nova vizinha repara atentamente no *povo da sala de visitas*; e — não sem razão — termina preocupada.

Se, nos dias da escassez, ela madrugou pelo ganha-pão e pelos exercícios literários encaixados entre uma atividade e outra; nos da prosperidade, a nova agenda também precisou anteceder a alvorada. O cronograma de divulgação de *Quarto de Despejo* gerou rotinas agitadas e a falsa impressão de que a autora gozasse de haveres infinitos. No trecho que se segue, podemos averiguar um recurso experimentado no endereço recém adquirido para contornar os aborrecimentos do horário comercial:

Despertei as 2 horas e comecei a escrever. As horas que aprecio, porque sei que ninguém vem aborrecer-me com pedido de dinheiro emprestado. Com esses pedidos eu estou ficando neurotica. Sobressaltei ouvindo rumores e vozes. É que as quartas-feiras tem feira na minha rua. Abri a janela e cumprimentei os feirantes.

— A senhora já está de pé?

— Estou escrevendo. Preciso preparar o livro para setembro (JESUS, 1961, p. 136).

Carolina fez o que pode, adiantou-se ao turno de atendimento ao público e, uma vez por semana, dividiu a antemanhã com as movimentações de uma feira livre.

Todos os pormenores de sua rotina que não favoreciam o recolhimento para a criação logicamente a incomodavam. O encontro consigo mesma e com a alteridade durante a composição ficcional ou enquanto realizava seus registros em diário reclamavam a retirada. A aspiração que envolveu sua portadora cobrava um tempo a sós.

Apesar dos pesares, ela aproveitou momentos de calma, de deleite e de fruição. Em convenientes fugas interiores, contornou as perturbações até chegar a uma comarca de trégua que, de pouco em pouco, tornou-se familiar: “Recebi outra intimação. Eu estava inspirada e os versos eram bonitos e eu esqueci de ir na delegacia” (JESUS, 1963, p. 26). Ainda que tudo apontasse para o contrário, enquanto escrevia, conseguia perder-se em instantes de elevação que apenas o afastamento — concreto ou abstrato, direto ou indireto, literal ou figurado — de tudo que fosse tumultuoso poderia proporcionar:

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 1963, p. 52).

A CONTINUIDADE DE *QUALQUER COISA*

*Para mim o mundo consistia em comer, crescer e
brincar. Eu pensava: o mundo é gostoso para viver nele.
Eu nunca hei de morrer para não deixar o mundo.
O mundo há de ser sempre meu. Se eu morrer, não vou
ver o sol, não vou ver a lua, nem as estrelas. Se eu me
encontrasse com Deus ia pedir-lhe:
'Deus, dá o mundo para mim?'
(Carolina Maria de Jesus²⁷).*

Entre as incertezas naturais a uma pesquisadora em formação, debruçei-me sobre as edições de *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita* que tive acesso com uma simples questão norte: o que a materialidade de cada uma delas teria para me revelar sobre o processo de escrita de sua redatora? Com essa indagação investigativa — e com interessada curiosidade pessoal —, li e reli passagens específicas dos diários da celebridade da Favela do Canindé. Tenho como resultado este passeio e uma ou outra questão remanescente.

Letra por letra, dos primeiros anos de sua *verdadeira avant-première*²⁸ ao primeiro fechar de cortinas, procurei por elementos que fossem relevantes à pesquisa estabelecida. Algo ficou de fora? Sempre fica. Ainda que tenhamos apurado temas, intencionalidades, histórico, lugares, inspirações e realizações da *mulher que escreve*, o espetáculo é, indubitavelmente, maior.

No prefácio de *Ondes estaes felicidade?* (2014), Hilton Cobra²⁹ — então presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP) — dirige ao leitor palavras carregadas de devir e repletas de renovo científico-cultural. Por meio delas, ele manifesta um querer imperioso e insistente que envolve — em meu entendimento — um *despertar acadêmico-literário* crucial. Sem mais adiamentos, abro espaço para seu texto:

A Fundação Cultural Palmares acredita que seja imprescindível a análise da obra literária de Carolina, majoritariamente registrada em cadernos dispersos por arquivos públicos e particulares do Brasil e exterior [...] desejamos instar pesquisadoras e pesquisadores de literatura brasileira para que mirem a persona Carolina com “olhos de ver” e analisem seu trabalho literário em profundidade expandindo seu perfil literário e significado sócio-histórico (COBRA, 2014, n.p).

O encontro com o sentido impresso nos parágrafos finais do preâmbulo citado serviu de estímulo — e de desafio — aos propósitos delimitados e alcançados nestas páginas. Há um

²⁷ JESUS, 1986, p. 16.

²⁸ “Eu estava fazendo minha avant-première no mundo. E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai?” (JESUS, 1986, p. 7).

²⁹ José Hilton Santos Almeida.

amplo território de análise que pode ser continuado ou iniciado se tivermos *olhos de ver* e *ouvidos de ouvir* abertos a narrativas díspares (cf. SAID, 1993, n.p), nas quais estão elementos de complementaridade e de emancipação cultural. Para tal, entendo que seja fundamental a aproximação com a obra da escritora mineira.

Nesse sentido, a iniciativa recente da editora *Companhia das Letras*³⁰ parece acertar. Contudo, não é suficiente. A oferta de exemplares para bibliotecas universitárias, escolares e comunitárias e a digitalização de acervos públicos (e particulares) são ações de diferentes âmbitos e agentes que seriam igualmente transformadoras. Assim como carecemos de múltiplos tipos de edições (de críticas a escolares), precisamos da ampliação de acesso para, entre outras coisas, fazer entender que Carolina Maria de Jesus não é autora de um livro só — nem de dois ou três³¹.

Não precisa de muito esforço para perceber a operação de forças de apagamento. Se organizamos a trilogia estudada em uma ordem que siga o fio da vida de sua autora, identificamos a existência de uma lacuna que vai da saída de sua terra natal até a primeira página de *Quarto de Despejo*. Sabemos que não se tratou de um tempo de bloqueio criativo ou de um decurso em que ela não tenha feito suas investidas, guardando seus projetos nas gavetas de escrivaninhas que não teve.

No primeiro diário, lemos trechos que atestam a disposição de Carolina para escrever nas horas vagas: “Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas escrevo” (JESUS, 1963, p. 93); e, em entrevistas de jornais, anteriores a sua projeção nacional e internacional, relatos de intenso arrebatamento criativo:

Entre o fogão e as panelas, só o diabo da poesia me tentava... Certo dia enquanto escrevia uma poesia, a panela do feijão queimou e a patroa me mandou embora... Arranjei outro emprego, mas eu esquecia tudo para fazer um verso que me vinha à cabeça e acabava sendo outra vez despedida! Por isso eu disse ao senhor que a poesia é a minha desgraça. Por causa dela eu ando ao léu, pensando e rimando versos (JESUS, 1942 *apud* FARIAS, 2017, p. 116).

Ou seja, a produção literária sempre foi um de seus cuidados e um de seus tropeços. Era seu *intervalo* e sua *interdição*.

³⁰ Em 2020, a editora carioca iniciou um projeto que tem como finalidade a reedição dos escritos carolinianos. Como apontamos anteriormente, o primeiro fruto desta empreitada foi a publicação de uma edição especial de *Casa de Alvenaria* (2021).

³¹ Além das produções textuais que não foram tratadas para publicação e das obras citadas neste trabalho, temos: *Pedaços de fome* (1963); *Provérbios* (196-); *Antologia pessoal* (1996); *Meu estranho diário* (1996); *Onde estaes felicidade?* (1977 e 2014).

A seu modo, ela ainda foi mais longe do que os princípios e as vias vigentes poderiam permitir, ultrapassou fronteiras instituídas, previstas e naturalizadas — (re)conhecidas ou não. O papel e o lápis nas mãos de Carolina Maria de Jesus foram o estopim de uma revolução que se estende aos dias atuais. A jovem interiorana que se deslocou ao *eixo do Brasil*³² com o intuito de conquistar *a sua vez* continua articulando provocações pouco ingênuas e gerando interrogações com sua luminosidade, com seu talento, com seu ângulo e com suas soluções.

Quando chegou a minha vez, a fazendeira examinou-me minuciosamente com o olhar. Como se eu estivesse à venda, dizendo que eu era uma negrinha esperta. Ficou com inveja de minha mãe que tinha uma filha perfeita. A inveja duplicou-se quando lhe disseram que eu sabia ler. Perguntou o meu nome. Minha mãe respondeu-lhe com a voz trêmula, porque a presença de um branco a atemorizava.

— Ela... chama Carolina Maria de Jesus.

Pedi a minha mãe para dizer-lhes que meu nome era Bitita (JESUS, 1986, p. 133).

³² JESUS, 1986, p. 202.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4ª edição, reorganizada pelo autor. Duas Cidades - Ouro sobre Azul: São Paulo - Rio de Janeiro: 2004.
- COBRA, Hilton. Carolina Maria de Jesus, uma escritora atlântica! In: JESUS, Carolina Maria de. *Onde estaes felicidade?* São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.
- D'ANGELO, Helô. Pesquisadora da Unicamp quer publicar textos inéditos de Carolina Maria de Jesus. *Cult*. 28 de março de 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/carolina-maria-de-jesus-textos-ineditos/>. Acesso em: 01 jan. 2023.
- DANTAS, Audálio. Casa de Alvenaria — história de uma ascensão social. In: JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- DOUGLASS, Frederick. *Frederick Douglass: autobiografia de um escravo*. Tradução Oséias Silas Ferraz; revisão da tradução Guilherme Gontijo Flores; orelhas Leonardo Gonçalves. 1ª edição. São Paulo: Vestígio Editora, 2021.
- EVARISTO, Conceição. TV CULT entrevista Conceição Evaristo. *TV Revista CULT*. (08:51). 04/05/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dGwr-en9SRI> . Acesso em: 01 jan. 2023.
- FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1963.
- _____. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- _____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou ramo de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra: a Saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- _____. O inventário de uma certa poetisa. In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy; [revisão de] Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- NASCIMENTO, Daniela de Almeida. *Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência* — Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade

Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/193413>. Acesso em: 01 jan. 2023.

PALMA, Daniela. As casas de Carolina: espaços femininos de resistência e memória. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 51, dezembro de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/SYRj8bkCgxdpZMb8j35qNPd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 jan. 2023.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Carolina Maria de Jesus na Companhia das Letras. *Blog da Companhia*. Notícias. 17 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Carolina-Maria-de-Jesus-na-Companhia-das-Letras>. Acesso em: 01 jan. 2023.

Colorado do Brás: veja o enredo e cante o samba. *G1*. São Paulo. 10/04/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2022/noticia/2022/04/10/colorado-do-bras-veja-o-enredo-e-cante-o-samba.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

'Empretecer o pensamento': conheça os escritores homenageados pela Beija-Flor em desfile. *G1*. 23/04/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/23/empretecer-o-pensamento-conheca-os-escritores-homenageados-pela-beija-flor-em-desfile.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Estátua de escritora Carolina Maria de Jesus é inaugurada em SP. *G1*. São Paulo. 27/08/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/28/estatua-de-escritora-carolina-maria-de-jesus-e-inaugurada-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Grêmio Recreativo Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá. *Galeria do Samba - Rio de Janeiro*. Carnaval de 2017. Disponível em: <https://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/renascer-de-jacarepagua/2017/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Instituto Moreira Salles - IMS. *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros*. Disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Madureira de Portas Abertas inaugura circuito com mostra dedicada a Carolina Maria de Jesus. *O Globo*. Rio Show. 14/10/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rioshow/noticia/2022/10/madureira-de-portas-abertas-inaugura-circuito-com-mostra-dedicada-a-carolina-maria-de-jesus.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Moradores fazem campanha para instalar estátua de escritora Carolina Maria de Jesus no centro de Parelheiros, Zona Sul de SP. *G1*. São Paulo. 26/02/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/26/moradores-fazem-campanha-para-instalar-estatua-de-escritora-carolina-maria-de-jesus-no-centro-de-parelheiros-zona-sul-de-sp.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Museu de Arte do Rio - MAR. *Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros.*

Disponível em:

<https://museudeartedorio.org.br/programacao/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros-ocupacao-mar/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Vida por escrito - Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus.

Disponível em: <https://www.vidaporescrito.com/> Acesso em: 01 jan. 2023.